

# II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

1

## A MULHER CASADA NOS DIAS DE HOJE: COMO A ESCOLA PODE CONTRIBUIR PARA A MUDANÇA DE PENSAMENTO

### Educação, Linguagem e Memória

*Rosani Hobold Duarte<sup>1</sup>(rosanihd@gmail.com)*

*Márcia Bianco<sup>2</sup>(marcia.bianco@yahoo.com.br)*

#### Introdução

Neste artigo faremos uma reflexão sobre como a sociedade influencia para que a mulher casada continue sendo aquela que é responsável por tudo em casa. Porque muitas mulheres ainda têm esse sentimento que depende delas para que a família esteja unida e em harmonia, e acabam deixando de lado muitas vontades particulares em função do cuidar. Para a sociedade, desde que somos considerados um ser humano, passamos a ser identificados como um masculino ou feminino, em qualquer lugar da sociedade, e em tudo que fazemos. Desde então somos guiados por essa palavra que diferencia o homem da mulher e o seu sexo. Durante o desenvolvimento deste ser, do homem ou da mulher, deparamo-nos com muitas situações na vida que nos distingue certamente de seu oposto, muitas vezes, situações forçadas e colocadas de forma imposta pela família, pela escola, pelo comércio, pelo trabalho. Temos sim a liberdade de seguirmos o caminho que desejamos, mas, às vezes, esse caminho é circunstanciado por situações de determinismo que, infelizmente, a sociedade impõe.

#### A Mulher Casada

Há tempos, a mulher solteira era preparada para assumir as tarefas domésticas e só podia se casar com a autorização e a aprovação do pai. Hoje, podemos dizer que isso

<sup>1</sup> Rosani Hobold Duarte: Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC.

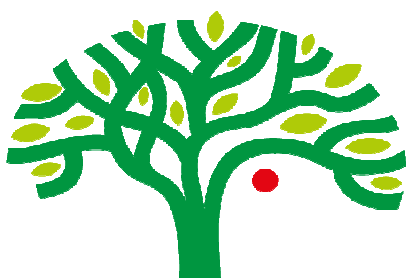
<sup>2</sup> Márcia Bianco: Centro Universitário Barriga Verde - UNIBAVE.



**Propex**  
Pró-Reitoria de  
Pós-Graduação,  
Pesquisa e Extensão

**Unahce**  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Ciências e Educação





## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

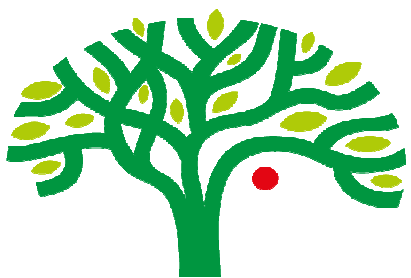
2

mudou, no sentido de poder escolher o próprio parceiro, porém o sacramento do casamento, ainda, é muito evidenciado. A maioria das mulheres sonha com aquele casamento esplendoroso, que nos faz recordar a história da “Cinderela” e, principalmente, o desejo do fim da história “*E foram felizes para sempre*” de fato aconteça. Simone de Beauvoir (1967, p. 175) declarava em seus escritos:

E muitas das que se decidem, porque é preciso afinal casar, porque os outros fazem pressão, porque elas sabem que é a única solução razoável, porque querem uma existência normal de esposa e mãe, conservam assim mesmo no fundo do coração secretas e opiniáticas resistências que tornam difíceis os primeiros tempos de vida conjugal, que podem até impedi-las de jamais encontrar um equilíbrio feliz no casamento.

Passam-se alguns meses e ela começa a perceber que a magia de seu casamento, que é realidade, não era o que ela imaginava ser. Entende que tem que dar conta de seu emprego, casa, agradar o esposo e pensar em ter filhos, e se aventura, a mais essa magia “ter filhos”, pensando que tudo vai melhorar, e percebe que as funções aumentam e passa a dar conta de tudo, porque a felicidade e a união da família dependem disso. De acordo com Beauvoir (1967, p. 24) ainda na fase de menina, ela “constata que o cuidado das crianças cabe à mãe, é o que lhe ensinam.”

Isso nos faz refletir sobre o presente. Como está a mulher casada em nossa sociedade hoje? Ela é totalmente livre? A maioria vai dizer que sim. Mas porque ela continua com a maior parte dos afazeres da casa, além de cuidar a maior parte do tempo dos filhos? Hoje em dia, algumas mudanças ocorreram perante a jurisprudência de nosso país, algumas leis surgiram e a mulher vem conquistando espaço no mercado de trabalho, na família, na política e na economia. “Contudo, a época em que vivemos é ainda, do ponto de vista feminista, um período de transição”. (BEAUVOIR, 1967, p. 166). A sociedade indiretamente impõe à mulher responsabilidades que antes eram tidas como funções específicas e que, atualmente, aparecem como tarefa apenas de mulher.



## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

3

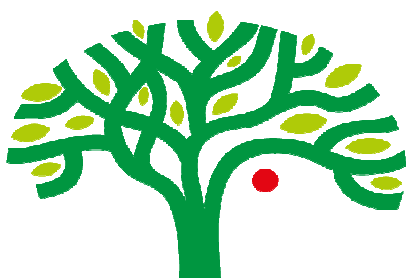
(...) é frequente que sejam as mulheres que cuidem da casa, porque sua tarefa consiste em assegurar a felicidade do grupo familiar; [...] Hoje a casa perdeu seu esplendor patriarcal; [...] Mas a mulher esforça-se ainda por dar a seu "interior" o sentido e o valor que possuía a verdadeira casa. (BEAUVOIR, 1967, p. 195).

É comum observar que muitas mulheres se culpam no caso de não conseguir cumprir com essas tarefas, que por ela são consideradas parte da felicidade do grupo familiar. Simone de Beauvoir (1967, p. 197) em sua obra “O Segundo Sexo” diz que: “O lar torna-se o centro do mundo e até sua única verdade [...] seu refúgio, retiro, gruta, ventre”.

A mulher, desde pequena, é direcionada as tarefas e afazeres domésticos, muitas vezes, sem perceber o estímulo que está recebendo e que não tem certeza se é aquilo que ela quer. Era a esse mundo que a mulher pertencia, sem esperança e sem sonhos, apenas de se sacrificar e fazer a família feliz. Mesmo sendo o lugar onde passava a maior parte de seu tempo, é um espaço de não pertencimento, pois quem tomava as decisões era o esposo. O homem casado tinha a função de sustentar a casa, proteger seus bens, era o patrão, o que mandava e decidia. Ninguém podia sentar e começar a comer na mesa, se ele não estava pronto, era o dono do segundo sobrenome da mulher, que passava a ser de posse dele após o casamento.

O casamento sempre se apresentou de maneira radicalmente diferente para o homem e para a mulher. Ambos os sexos são necessários um ao outro, mas essa necessidade nunca engendrou nenhuma reciprocidade; nunca as mulheres constituíram uma casta estabelecendo permutas e contratos em pé de igualdade com a casta masculina. Socialmente, o homem é um indivíduo autônomo e completo. (BEAUVOIR, 1967, p. 166).

Mesmo após o desaparecimento do casamento arranjado, a escolha de uma família considerada bem de vida, ou seja, com posses, era de grande importância para a família da noiva, pois seria bem vista na comunidade. Isso não podemos dizer que não existe mais, ainda muitas mulheres se casam por interesse próprio, pensando nos bens



## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

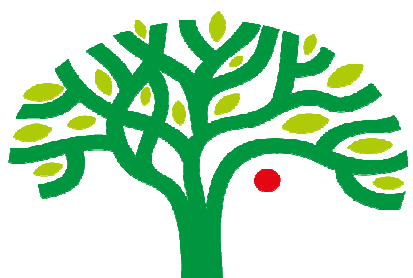
4

materiais ou até por interesse e satisfação de seus pais. E a escola, como vem trabalhando esses valores com crianças e adolescentes. De acordo com Balestrin e Soares (2015, p. 49), “vale ressaltar que além da legislação vigente, é preciso que cada escola garanta, em seus projetos políticos pedagógicos (PPP), a construção de espaços de discussão e de ações pedagógicas comprometidas com o tema da diversidade de gênero e de sexualidade.”

A escola é um lugar de conhecimento, e não deve deixar de trabalhar esses valores tão importantes para o desenvolvimento das personalidades e respeito mútuo entre os seres humanos. Deve trabalhar com a diversidade e a igualdade em todos os momentos da vida escolar da criança, deve ter e manter o mesmo tratamento e solicitar assistência ao pai e a mãe nas tarefas de casa e em reuniões e atividades na escola. Não esperar ou cobrar sempre das mães, horários e tarefas não feitas. O discurso utilizado, muitas vezes, caracteriza que apenas as mães são as responsáveis pela escola e o desenvolvimento da criança. Incentivar brincadeiras e atividades que trabalhem de forma igual os dois sexos, direcionando ambos as mesmas atividades. “Uma educação igualitária entre meninos e meninas começa pela não segregação na definição “do que” ensinar e “como” ensinar. Tanto as informações compartilhadas tanto os meios para tal devem ser igualmente proporcionadas às crianças.” (FURLANI, 2011, p. 121).

O conteúdo trabalhado não deve estar apenas focado no que aparece no currículo estabelecido pela escola ou pelos governantes, mas sim nas situações do cotidiano vividas dentro da escola com colegas e professores. “O sexo, o gênero, a sexualidade, a raça, a etnia, a classe social, a origem, a nacionalidade, a religião, por exemplo, são identidades culturais que constituem os sujeitos e determinam sua interação social desde os primeiros momentos de sua existência.” (FURLANI, 2011, p. 67).

A escola tem um trabalho fundamental nessa formação de conceitos e deve assumir um papel de transformação, onde seus objetivos devem ir muito além de apenas preparar para aprovação em vestibulares. Deve contribuir na formação e promoção de



## II Seminário de Educação, Conhecimento e Processos Educativos

Educação, Arte e Direitos Humanos

22, 23 e 24 de maio de 2017

5

peças que valorizem sua identidade e que desenvolvam a responsabilidade social formando cidadãos com valores de igualdade e respeito.

### Considerações finais

A mulher casada é vista pela sociedade como a responsável pela felicidade na família, submetendo-se aos afazeres domésticos, além do seu trabalho fora de casa. Encontramos muitos casais, hoje, que vivem de forma muito desigual nas atividades relacionadas ao lar e responsabilidades para/com os filhos. Comparando com a época em que Simone de Beauvoir escreveu a obra “O Segundo Sexo”, podemos dizer que muitas coisas, porém, continuam com características idênticas aquele tempo. Não podemos generalizar, mas é preciso que mulheres abram seus olhos e percebam que não são elas apenas responsáveis pela felicidade da família. E a escola pode e deve estar inserida e ser corresponsável por essas mudanças na mentalidade das pessoas, colaborando para a formação de pessoas que entendam que igualdade e respeito devem estar em primeiro lugar, de modo a trabalhar seus valores e sua importância para um mundo mais humano.

### Referências

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

BALESTRIN, Patrícia Abel. SOARES, Rosângela de Fátima Rodrigues. **Gênero e sexualidade nas práticas educativas**. Brasília: CNTE, 2015.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. v.1. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. v.2. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.



Propex  
Pró-Reitoria de  
Pós-Graduação,  
Pesquisa e Extensão

Unahce  
Unidade Acadêmica  
de Humanidades,  
Ciências e Educação

